

CUBA/ Regime comunista decreta medidas de emergência para enfrentar o embargo total de petróleo imposto por Donald Trump. Estatais, escolas e transporte reduzem atividades, e o abastecimento de combustível é restringido

Uma ILHA à beira da ASFIXIA

Yamil Lage/AFP



Posto de gasolina fechado em Havana: cerco total de Washington à importação de combustíveis

Os cubanos começam a semana sob o impacto das medidas de emergência adotadas pelo governo para enfrentar a escassez aguda de combustíveis — e, por tabela, de energia elétrica — decorrente da pressão máxima imposta ao regime comunista pela Casa Branca. Com o fornecimento de petróleo da Venezuela bloqueado pelos EUA desde a captura do presidente Nicolás Maduro, nos primeiros dias do ano, a ilha vê seus estoques de combustíveis se esgotarem rapidamente. Diante do risco real de uma asfixia econômica fatal, a partir de amanhã serão reduzidas as jornadas de trabalho no setor estatal, a rotina de aulas em todo o sistema educacional e os serviços públicos de transporte.

O anúncio foi feito na noite de sexta-feira, em rede nacional de TV, pelo vice-presidente e ministro do Comércio Exterior e Investimento Estrangeiro, Óscar Pérez-Oliva. Ele apontou a ofensiva movida por Trump como o fator que "nos obriga a aplicar um conjunto de decisões, para garantir a vitalidade do nosso país, dos serviços fundamentais, sem renunciar ao desenvolvimento". As medidas de emergência, aprovadas em reunião do Conselho de Ministros, têm por objetivo "proteger e assegurar os serviços básicos à população", sustentou o dirigente, que é neto do líder histórico da revolução comunista de 1959, Fidel Castro.

Desde o início do ano, o país convive no cotidiano com os apagões — em média, o fornecimento de energia elétrica se limita a quatro horas por dia, e algumas regiões chegam a passar longos períodos

às escuras. Uma das restrições imediatas é a adoção da semana laboral de quatro dias nas empresas estatais, complementada pela ampliação do teletrabalho. As escolas de ensino básico e intermediário funcionarão com horário reduzido, e as universidades recorrerão a um sistema de aulas semipresenciais. Algumas empresas e hotéis serão temporariamente fechados. As viagens de ônibus e trens entre as províncias serão restrinvidos.

Além de afetar direta e imediatamente os transportes, públicos e

privados, a escassez de combustível atinge em cheio o fornecimento de eletricidade: a matriz energética da ilha tem como base as usinas termelétricas, movidas a óleo diesel. "O combustível existente será destinado à proteção dos serviços essenciais para a população e às atividades econômicas imprescindíveis", explicou Pérez-Oliva em seu pronunciamento. O governo vai priorizar o abastecimento para "as atividades que geram divisas", uma vez que o bloqueio econômico mantido pelos EUA há seis décadas dificulta se-

veramente a importação de alimentos, matérias-primas e medicamentos essenciais.

Mata-leão

A crise energética cubana se arrasta há muitos anos, fruto de um sistema obsoleto e quase sem opções de modernização ou mesmo manutenção, pela necessidade de adquirir equipamentos no exterior — em muitos casos, de fabricação norte-americana. Desde a intervenção militar na Venezuela, os EUA assumiram

o controle sobre as exportações de petróleo, e Donald Trump afirmou explicitamente a determinação de aplicar à ilha um mata-leão: outros países que comercializem combustíveis com Cuba estarão sujeitos a sanções comerciais.

O presidente dos EUA chegou a afirmar, pelas redes sociais, que o regime comunista "está pronto para cair", e aconselhou seus dirigentes a negociar uma transição, "antes que seja tarde". Na última quinta-feira, falando à imprensa em Havana, o presidente Miguel Díaz-Canel aceitou com a possibilidade de buscar um entendimento, mas frisou que seu governo não aceita condições impostas. "Dialogamos em posição de igualdade, de respeito à nossa soberania, à nossa independência, à nossa autodeterminação", afirmou, "sem abordar questões que entendemos como ingerência em nossos assuntos".

A resposta de Washington veio em seguida, por meio da porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, que fez eco às ameaças recorrentes do próprio Trump. "Penso que, tendo em vista o fato de que o governo cubano está nas últimas, e seu país, à beira do colapso, eles deveriam ser cautelosos em suas declarações dirigidas ao presidente dos Estados Unidos", advertiu a funcionária.

Tendo em vista que o governo cubano está nas últimas, eles deveriam ser cautelosos em suas declarações dirigidas ao presidente dos EUA"

Miguel Díaz-Canel,
presidente de Cuba

Socorro humanitário

A urgência da escassez energética na ilha ficou exposta, na semana passada, por um evento relacionado diretamente às mudanças climáticas: a província de Matanzas, próxima à capital e conhecida pela praia de Varadero — principal destino de veraneio para o turismo estrangeiro —, registrou temperatura mínima de zero grau. Pouco habituados ao frio extremo, os cubanos se vêem desprovidos de aquecimento.

Em nome de razões humanitárias que a presidente do México, Claudia Scheinbaum, anunciou a disposição de enviar remessas limitadas de petróleo da estatal Pemex. A governante negocia com os EUA para que não sejam aplicadas ao país as repressivas impostas a transações comerciais envolvendo petróleo. Trump, no entanto, chegou a anunciar que o México interromperia o fornecimento a Cuba, mantido desde 2023.

O regime de Havana busca também a ajuda de aliados mais distantes, como Rússia e China, ambos comprometidos — ao menos em palavras — com o socorro a um país parceiro do Brics. Em janeiro, o regime comunista de Pequim começou o envio de 30 mil a 60 mil toneladas de arroz e anunciou um pacote de US\$ 80 milhões em assistência técnica.

Patrícia de Melo Moreira e Filipe Amorim/AFP



Candidato socialista (E) reúne frente ampla contra o da ultradireita

PORTUGAL

Esquerda favorita no tira-teima

Pouco mais de 11 milhões de eleitores em Portugal voltam hoje às urnas, em segundo turno, para escolher o sucessor do presidente Marcelo Rebelo de Sousa entre o socialista António José Seguro e o ultradireitista André Ventura, estrela de uma força política em franca ascensão. Vencedor da primeira rodada, há três semanas, com 31% dos votos, Seguro chega ao tira-teima como favorito absoluto, com a preferência de dois terços

dos entrevistados, segundo as últimas pesquisas de opinião. Ventura, que saiu da votação inicial com 23,5%, apostou na chance de confirmar sua legenda, o Chega, como a segunda força política do país — posição conquistada nas eleições legislativas de 2025.

O encerramento da campanha, na última sexta-feira, foi ofuscado pelo impacto das tempestades que castigaram Portugal e Espanha nas últimas duas semanas. O

candidato da extrema-direita defendeu o adiamento do pleito em escala nacional, mas o presidente em fim de mandato invocou a legislação para reafirmar a data, exceto para três municípios que se declararam em calamidade. A divulgação dos resultados foi mantida para a noite de hoje.

Favorecido no primeiro turno pelo voto útil do eleitorado de esquerda, o candidato socialista conta agora com o apoio das figuras

mais importantes da coalizão de direita que governa o país, chefiada pelo primeiro-ministro Luís Montenegro — que, no entanto, preferiu não se pronunciar. O rival do Chega manteve e acentuou o discurso anti-imigração, e se apresenta como o nome "de todo o campo não socialista". Embora seu lema de campanha seja "Os portugueses primeiro", Ventura evitou ataques diretos aos 500 mil brasileiros, que formam a maior comunidade de estrangeiros.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O ANO DO CAVALO DE FOGO

Há 4724 anos, a China comemorava — desde 1949, a data foi ajustada ao calendário gregoriano do mundo ocidental — o início do ano novo chinês. Com o festival da primavera, é a mais importante celebração nacional do país. Tradição milenar de festear a passagem dos signos do zodíaco, começa em 17 de fevereiro, como o ano da velocidade e das paixões intensas, o ano do Cavalo de Fogo. Ainda em fevereiro, comemora-se o dia do comediantes, que tem como padroeiro São Lourenço, que viveu no século 3 depois de Cristo. Ao ser martirizado numa grelha, Lourenço pede aos seus algarotes que o virem, pois já estava bem assado de um lado.

O ano de 2026 começou com a Resolução Absoluta — como o governo dos Estados Unidos chamou a invasão da Venezuela para sequestrar o casal presidencial — e com o silêncio constrangedor dos principais governos do mundo democrático. Dez dias depois, tivemos o oposto, um barulho intimidador dos principais banqueiros dos bancos centrais, os Global Central Chiefs, para dizer que estão em total solidariedade ao presidente do BC norte-americano, acusado, pelo mesmo governo dos EUA, de querer gastar US\$ 2,5 bilhões para reformar a sede do FED.

A máquina do mundo não para! Antipatias e simpatias à parte,

sem pretender ou poder entender os designios de Deus, é evidente constatar como muitas pessoas importantes não são o que poderiam ser. Os dois fatos revelam bem o movimento da balança de valores que equilibra o mundo da política atual. De outro lado, na Conferência anual da federação do varejo dos Estados Unidos, a National Retail Federation, palco do Big Show dos maiores executivos do comércio de massa, luxo e riqueza do varejo mundial, ocorrido mês passado em Nova York, não havia nenhum dos expositores decepcionado com a sofreguidão do consumo no mundo moderno.

O que será que nos espera,creditando ou não em horóscopo, de um mundo que não mora mais em nosso arbítrio? A base da evolução da sociedade pode ser vista como um sumário de comportamentos, hábitos e atitudes da vida dos indivíduos dentro das instituições em que forma sua biografia. São inúmeros os tratados

de sociologia que tentam compreender adequadamente os movimentos, papéis, desafios e destino das pessoas em sua vida familiar ou profissional. Viver é desempenhar papéis estruturados dentro da sociedade observando sua relação com as instituições. Ter uma biografia é compreender como melhor se forma sua personalidade, responsabilidade e consciência pessoal e social. Nos tempos presentes o que temos visto no Brasil e no mundo é que a maioria das pessoas adquire suas características sem muito senso crítico, como se tivessem uma mente implantada.

A moldura institucional e a estrutura social de nosso tempo, sua forma de funcionar, seus vocabulários cifrados, a massificação das palavras, leis, manias, está produzindo um robô-alegre, que é convencido, externamente a ele, a aceitar ou rejeitar sua autoimagem.

São tantas as influências externas que poucas pessoas perdem

tempo em formular alguma opinião própria adequada a sua verdadeira opinião. Felizmente, aumenta a reflexão de que o indivíduo precisa começar a transcender, conscientemente, o papel previamente preparado pela estrutura e a ordem de seu meio, para poder melhor desempenhar sua função.

Com juros tão altos claro que é mesmo difícil ter algum capital de giro para conceder a paciência algum tempo para se dedicar a algo que não seja moda. Tempo sem humor, dilacerado pela imitação e a intimidação.

É um tempo aparente da variedade de estilos, antes mais parece de moldes fixos, modelos de comportamento, impedindo que a beleza da variedade humana se afirme espontaneamente. São máquinas de desejos, leis e ordens sendo criadas para criarem tipos e situações que fazem a glória dos fiscais de lei para tudo — e também dos que burlam a lei. A variedade é

contradicitoriamente uma massa homogênea.

São ondas do contexto de um tempo, impulsadas por propaganda, meios químicos, desejo de adaptar-se ao que se vê, lê ou ouve. Onda que serve a todas as categorias interessadas em aumentar a frequência das atitudes esperadas e encaixá-las numa gaiola de condutas. Por trás de tudo cresce a força do abuso burocrático dos que têm poder e influência para impor, em seus ambientes específicos, uma mesma visão das coisas.

O elo fraco do mundo atual não só é as ordens institucionais impostas, mas a desagregação da estrutura social e sua desconcertante aceitação das ideias dominantes por não compreender claramente que só tem ideias dominadas. Tendências que desagarram de valores o destino político, espiritual, econômico e cultural global.

PAULO DELGADO, sociólogo.